

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: PONTOS SENSÍVEIS PARA UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS

Rafael de Magalhães Bandeira (IFSul)¹

Rafael Montoito (IFSul)²

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo principal analisar a forma com que os transtornos do espectro autista são abordados em histórias em quadrinhos. Dada a simplicidade, aceitação e grande potencial de alcance de público nas mais diversas faixas etárias, as histórias em quadrinhos se mostram uma excelente ferramenta pedagógica para introduzir diversos assuntos no campo da educação (PEREIRA; ALCÂNTARA, 2021; RAMA et al, 2004), tanto para se trabalhar com alunos, em práticas docentes diversificadas, quanto na formação de professores interessados em pensar a educação inclusiva. Pensando na questão do autismo infantil, cujo crescente número de diagnósticos na população, que não poupa nacionalidade ou condição social, preocupa familiares, educadores e demais profissionais da área da saúde envolvidos em sua pesquisa e tratamento, pensou-se em analisar de que forma, e se, as histórias em quadrinhos estão expondo, explicando ou até mesmo ensinando a sociedade a lidar com as peculiaridades do transtorno do neurodesenvolvimento, que levam o indivíduo a um afastamento social do mundo exterior, como apontam Gomes e Silveira (2016). A partir dessa ideia, apresenta-se aqui os primeiros resultados de uma pesquisa inicial, de natureza qualitativa e viés bibliográfico (GERHARDT; SILVEIRA, 2009), que tomou como objetos de análise três histórias em quadrinhos que tratam do transtorno do espectro autista já publicadas no Brasil: *Um amiguinho diferente* (SOUZA, 2021), *Fala Maria* (FERNÁNDEZ, 2020) e *Diferença invisível* (DACHEZ, 2016). Na análise, que entrecruza referenciais teóricos sobre o autismo com as discussões e apresentações nas histórias analisadas, percebe-se que elas apresentam, por meio de seus personagens, características e condições comportamentais descritas na literatura, em especial as apontadas por Gaiato (2018) e Braga (2018), numa forma de expor ao leitor as peculiaridades e atipicidades sociais que fogem ao esperado em um protocolo de comportamento socialmente previsível; além disso, as diferenças de reação aos modelos comumente esperados, que afastam e isolam portadores do transtorno do espectro autista, como bem discorre Gaiato e Teixeira (2018), e as dificuldades que os portadores do transtorno passam em situações que tipicamente não afetam a vida das demais pessoas (LOBE, 2020; GAIATO, 2018) também são perceptíveis nas histórias. Entretanto, as histórias em quadrinhos parecem cumprir um papel social, visando à divulgação e integração dessas pessoas na sociedade, sem trazer maiores informações sobre tipos de tratamento, o que poderia igualmente ser interessante para familiares e professores com pouco conhecimento sobre o tema.

Palavras-chaves: Autismo. Comportamento. História em quadrinhos. Transtorno.

¹ Bacharel em Direito (UNIDERP); Graduando no Curso de Formação Pedagógica para Graduados não Licenciados (IFSul).

² Doutor em Educação para a Ciência (UNESP); professor no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul); líder do Grupo de Estudos em Narrativas e Educação na Pós-modernidade (GENEP); co-autor e orientador deste trabalho.

INTRODUÇÃO

As Histórias em Quadrinhos (HQs) representam, tanto no Brasil quanto no mundo inteiro, um meio de comunicação de massa, de grande aceitação popular, despertando interesse em uma ampla gama de idade e gênero. As HQs, que no princípio focavam em histórias de fantasia, terror ou detetives, passaram a abordar todo e qualquer tema, desde a política até dilemas sociais. A sua popularização, aperfeiçoamento e aprofundamento nos mais variados assuntos mostraram que “as histórias em quadrinhos podiam ser utilizadas de forma eficiente para a transmissão de conhecimento” (RAMA, et. al, 2020, p. 17). Por isso, trata-se de uma importante ferramenta, que aproxima o leitor do tema pretendido, possibilitando a inclusão de assuntos de uma forma mais branda e agradável, por meio de uma narrativa literária que emprega o uso de imagens (bastante variadas, pois há muitas técnicas e traços diferentes) e palavras para expor o desejado.

Temas como o transtorno do espectro autista (TEA) são pouco explorados nos cursos de formação de professores, apesar do crescente número de diagnósticos em crianças. Focando em uma sociedade inclusiva, percebe-se que há necessidade de explorar o assunto em salas de aula, trazendo a discussão para alunos, pais e professores, a fim de se pensar na educação abrangente, globalizante e irrestrita.

Assim, a utilização de histórias em quadrinhos para abordagem do tema tem grande potencial de eficiência, já que a popularização do formato facilita a introdução de um assunto tão complexo, mas de discussão essencial na busca de uma sociedade justa e inclusiva. Entretanto, dada a amplitude da temática estudada (TEA), antevê-se facilmente que seria inviável esgotar o tema com essa pesquisa inicial, razão pela qual ela foi delimitada como buscando responder à questão: *Por meio de uma apropriação pedagógica que utilize as HQs para discussões e estudos em grupos de formação de professores, quais pontos sensíveis sobre o TEA elas podem ajudar a clarificar?* A resposta a esse questionamento está construída ao longo deste texto que, em um primeiro momento, expõe os referenciais teóricos sobre o TEA e sobre características importantes das HQs; após, num segundo, apresenta análises elaboradas a partir de três narrativas selecionadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Transtorno do espectro autista

O transtorno do espectro autista (TEA) é conjunto de desordens no desenvolvimento neurológico, caracterizado por déficit na comunicação social ou interação social (como nas linguagens verbal ou não verbal e na reciprocidade socioemocional) e pela presença de padrões repetitivos e restritos de comportamentos, interesses ou atividades, como interesses fixos, movimentos contínuos, e hiper ou hiposensibilidade sensorial (QUE, s.d.).

No Brasil não há dados oficiais sobre a incidência do TEA na população, mas um estudo realizado nos Estados Unidos estima que 1 a cada 54 crianças pode ser diagnosticada com o transtorno do espectro autista (DATA, 2020), o que sugere que o Brasil possua quase 4 milhões de indivíduos com essas características, considerando-se sua população de mais de 213 milhões de brasileiros (IBGE, 2010).

Ainda que os primeiros estudos e diagnósticos mundiais acerca dos transtornos do espectro autista datem dos anos 1900 (BRAGA, 2018) e que as análises e os tratamentos tenham evoluído consideravelmente ao longo dos anos, muitas características comportamentais, seja pelos padrões repetitivos de ação, seja pela dificuldade na interação social, causam bastante estranheza à sociedade, levando, por vezes ao preconceito.

Dentre os principais desafios vivenciados por um indivíduo com TEA estão a aceitação e sua inclusão na sociedade. Os comportamentos atípicos do indivíduo com TEA, por vezes, trazem desconforto à sociedade, mormente quando provocados em espaços públicos, como parques, supermercados e restaurantes, já que, como bem ressalta Nunes (2015, p. 35), ainda temos o pensamento que “cumpre manter ‘as vergonhas’ – sejam elas partes pudendas ou uma deficiência na família – devidamente encobertas”. O referido preconceito social se apresenta desde o mais simples receio até a aversão, e o principal fator que acarreta esse preconceito é a falta de diálogo e espaços que proponham a ampla discussão sobre o assunto.

Frente aos desafios que a realidade social impõe sobre a família da pessoa com TEA, o preconceito está entre estes e deixa marcas profundas. Perceber que não tem se tem acesso aos ambientes sociais por causa da diferença é uma experiência devastadora da vida humana. Sejam os pais, as mães ou os/as irmãos/ãs, seja a própria pessoa com deficiência, a situação de exclusão desqualifica o ser humano de sua pretensa igualdade de pertencimento à raça humana (STRELHOW, 2016, p. 58).

Portanto, a abordagem do tema, a exposição e a discussão sobre o autismo, suas características, seus transtornos e suas dificuldades são essenciais para uma sociedade inclusiva, justa e acolhedora. A apresentação e abordagem do tema nas mais diferentes formas talvez sejam capazes de mostrar os desafios que a comunidade precisa assumir como responsabilidade na perspectiva de uma sociedade hábil na ação de promover vida digna para todas as pessoas (STRELHOW, 2016)– é nesse intuito que as HQs são convidadas a assumirem um papel pedagógico que visa a uma nova configuração social, na qual os preconceitos para com as pessoas que têm TEA sejam minimizados e elas e seus familiares, por conseguinte, conquistem novos lugares na sociedade.

Histórias em quadrinhos

As histórias em quadrinhos, ou simplesmente HQ, mas também conhecidas por gibis, comix (ou *comics*) ou bandas desenhadas, são “um dos mais difundidos e populares meios de fabulação visual do planeta” (PATATI; BRAGA, 2006, p. 9).

Sua forma apresenta uma simbiose também entre linguagem escrita e visual à medida que oferece ao leitor, códigos linguísticos e imagéticos (SALAPATA, 2017), revelando-se excelentes instrumentos didático/pedagógicos para os mais variados temas. A diversidade linguística e pictográfica permite publicações de maior ou menor amplitude de leitores, podendo essas abordarem assuntos dos mais complexos existentes, com leveza e simplicidade, já que aliam, o texto geralmente não-técnico, a imagens que auxiliam a percepção de nuances do tema abordado.

[...] as histórias em quadrinhos funcionam como um elemento de interação entre emissor e receptor, facilitada por esse gênero que utiliza recursos linguísticos específicos, humor e uma narrativa que se aproxima muito da oralidade, do tom informal para divertir, informar e conscientizar, objetivando uma construção cidadã (ASSIS, 2011, p. 4).

Assim como os primeiros diagnósticos sobre os transtornos do espectro autista, as primeiras histórias em quadrinhos datam dos anos 1900 (SALAPATA, 2017); nelas predominava o estilo humorístico, o que foi se modificando com o tempo: em 1930, a considerada “idade de ouro” dos quadrinhos, surgiram as histórias policiais, de faroeste, de guerras históricas, ficção científica etc.

No Brasil, na década de 30, apareceram as primeiras publicações focadas exclusivamente nos quadrinhos: *Suplemento Infantil* (1934), *Globo Juvenil e Mirim* (1937) e *Gibi* (1939) – cujo título se transformaria em sinônimo de revista em quadrinhos. A *Turma da Mônica*, de Maurício de Souza, teve suas primeiras histórias em quadrinhos publicadas em jornais a partir de 1959 e sua primeira revista própria foi lançada em 1970; Ziraldo lançou o personagem *Pererê* em 1960, o primeiro personagem nacional a ter um título próprio e alcançar grande sucesso; na Argentina, Quino criou sua famosa personagem *Mafalda*, em 1964 (SALAPATA, 2017; ASSIS, 2011; PATATI; BRAGA, 2006).

Ao longo da história, foram criadas pelo mundo representações gráfico-textuais de grande impacto na sociedade, com temáticas históricas reais, dilemas sociológicos, encontros fantásticos e tantas outras narrativas que encantaram, sensibilizaram e inspiraram pessoas de todas idades e classes sociais. É devido ao seu apelo gráfico, à exposição simplificada de ideias muitas vezes complexas e à interação entre personagens de fácil entendimento que as HQs vêm alcançando uma ampla quantidade de leitores e interessados, tornando-se uma ferramenta importante na difusão de conceitos e ideias e dando origem a festivais de premiações específicas para este tipo de arte, como o Eisner Awards.

Por isso, para o estudo proposto acerca representação e tratamento de transtornos do espectro autista, escolheu-se três quadrinhos que tiveram ampla divulgação no mercado brasileiro: *A Diferença Invisível*, de Mademoiselle Caroline e Julie Daches (Editora Nemo, 2017), *Fala, Maria*, de Bernardo Fernández (Editora Skript, 2020) e *Um Amiguinho Diferente*, do Instituto Maurício de Souza (2021).

Obras analisadas

A primeira obra, *A Diferença Invisível* (DACHEZ; CAROLINE, 2021), é de origem francesa, com roteiro escrito por Julie Dachez – autista, então com 27 anos –, adaptada, desenhada e colorida por Mademoiselle Caroline. A história narra o cotidiano de Marguerite, uma jovem de 27 anos que vive em um simples apartamento com seu cachorro e seu namorado e trabalha em um escritório inespecífico. Marguerite tem uma vida comum, embora norteadas por muitas “manias” dentro de uma rotina muito bem planejada.

A história conta o passo a passo da personagem principal em seu apartamento, seu deslocamento até o trabalho – passando sempre pela mesma padaria, pedindo sempre o mesmo “pãozinho de espelta” –, e a realização de outras que permitem ao leitor compreender Marguerite como uma jovem independente, apesar dos costumes atípicos, metódicos. Ela possui horário certo para todos seus afazeres e dorme em cama separada de seu namorado, com tapa olhos e tampões nos ouvidos. No trabalho, não interage, a não ser que questionada.

Por conta desse comportamento não usual, seus colegas de escritório constantemente falam mal dela e a jovem recebe críticas até mesmo de suas amigas e de seu namorado. Marguerite não foi diagnosticada com TEA até o momento em que começa a se questionar por que se sente diferente das demais pessoas, por que não tolera barulhos, burburinhos, mudanças de rotina, surpresas ou experimentar coisas novas.

A grande reviravolta na vida da personagem se dá quando resolve procurar na internet as causas de suas dificuldades sociais, de seus problemas de comunicação e da sua necessidade de ficar sozinha. Neste momento, lê muitos relatos de pessoas que sentem as mesmas angústias e acaba se identificando com a então chamada Síndrome de Asperger – uma denominação não mais utilizada que reúne alguns dos transtornos do espectro autista (BRAGA, 2018).

Com a autopercepção, busca centros especializados, que lhe explicam os motivos das peculiaridades, fazendo-a se entender e se aceitar do jeito que é. A mudança de atitude é apresentada na HQ por uma reviravolta no comportamento da personagem e pelas cores dos quadrinhos, que saem dos iniciais tons de preto, branco, cinza e vermelho.

O resultado da compreensão de Marguerite sobre sua condição atípica a empondera: conhecer-se e aceitar-se lhe traz coragem para terminar o relacionamento com o namorado que não respeitava seus limites e para se afastar de amizades que, mesmo cientes do diagnóstico, não entenderam a condição e buscaram “curá-la”. A partir daí, levou a jovem uma vida mais tranquila, aceitando suas rotinas, seus gostos, seus meios únicos de viver o dia a dia.

Na segunda história em que se buscou identificar a retratação do autismo nos quadrinhos, escrita e desenhada por Bernardo Fernández (romancista mexicano também conhecido como Bef), tem-se o relato autobiográfico do próprio autor, que é pai de Maria, uma menina diagnosticada como autista aos dois anos de idade.

Nessa história percebe-se o típico relato de um pai, que explica ao mundo os motivos das características não usuais de sua filha. Bef conta como desconfiou, junto com sua então esposa, da singularidade no desenvolvimento da filha, já que, comparando-a com outras meninas de mesma idade, era notório que ela apresentava desinteresse em interagir com outras crianças e atraso no desenvolvimento da fala.

O autor/personagem explica várias características da menina Maria como se conversasse com o leitor da HQ, contando a falta de contato visual, a simplicidade das brincadeiras, a falta de verbalização, a hipersensibilidade auditiva e os movimentos estereotipados de repetição. Bef ainda faz crítica às consultas médicas e terapias apresentadas que, em seu ponto de vista, desrespeitam a ansiedade da família, bem como aos comentários que passou a ouvir de amigos e familiares.

Na HQ, fica clara a preocupação do pai com o futuro da menina, então com nove anos quando da criação da narrativa gráfica, já que “seus desafios serão cada vez mais complexos”. Ainda que traga à tona essas suas angústias, o autor consegue, de forma simples e emocionante, passar a ideia de que, apesar das dificuldades, há esperança de que saberá lidar com elas.

À terceira obra pode ser atribuída grande importância, devido à inegável aceitação e inserção no mercado pelo histórico que a Turma da Mônica tem com seus mais de 60 anos no mercado brasileiro e mundial. A HQ *Um Amiguinho Diferente* (SOUZA, 2020) foi criada no Instituto Maurício de Souza, cujos trabalhos são acessados e idolatrados por crianças, jovens e adultos, representando o maior sucesso na editoração gráfica brasileira.

A história em quadrinhos apresenta à turminha André, um menino autista, irmão de Lúcia, que, no curso da narrativa, vai explicando aos amigos – e ao leitor – as peculiaridades comportamentais, os gestos, preferências e as atitudes atípicas do menino.

Quase como se fosse um manual para o leitor, as narrativas mostram Lúcia explicando diversas características comportamentais de André, tais como a falta de contato visual do autista, as brincadeiras não estruturadas e a indiferença social frente às mais diversas situações. André pouco interage com as demais crianças e a trama das narrativas se desenrolam justamente com o propósito de expor e apresentar a atipicidade das reações e relações do menino junto às demais crianças. As informações trazidas por *Um Amiguinho Diferente* são claras, simples, diretas e lúdicas, de modo que o leitor pode compreender alguns dos principais transtornos do espectro autista.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A composição deste artigo embasa-se em metodologias de pesquisa qualitativa à medida que essas entendem como “importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo” (PEREIRA et al., 2018, p. 67). Com isso, assume-se uma postura que considera que

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa em pesquisas se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, baseado no modelo de estudo das ciências da natureza. Estes pesquisadores se recusam a legitimar seus conhecimentos por processos quantificáveis que venham a se transformar em leis e explicações gerais. Afirmam que as ciências sociais têm sua especificidade, que pressupõe uma metodologia própria (GOLDENBERG, 2004, p. 16-17).

Sendo assim, a partir da elaboração de uma pergunta exploratória que traduzisse a inquietação dos pesquisadores (BORTONI-RICARDO, 2008), buscou-se, em três HQs, identificar quais pontos sensíveis sobre os indivíduos com TEA as histórias possibilitavam entrever, pensando numa posterior abordagem pedagógica deste material. Neste ponto, a ênfase dada foi a da pesquisa bibliográfica (GERHARDT; SILVEIRA, 2009), pois se entende que as HQs são documentos (fontes) construídos socialmente e com intencionalidades e, portanto, passíveis de interpretação e apropriação.

HQS E TEA: UM ESTUDO INICIAL

A abordagem dos transtornos do espectro autista nas histórias em quadrinhos analisadas apresenta um certo padrão de grande relevância na exposição das características do TEA, servindo como verdadeiros manuais, de modo a introduzirem o leitor ao tema, de forma lúdica e cativante. Os personagens trabalhados humanizam o autista e o introduzem na sociedade dentro das histórias em quadrinhos, embora isso não reflita exatamente o que se evidencia na realidade cotidiana. As histórias escolhidas para comporem esse trabalho transpõe para ao leitor as características de um indivíduo autista de forma mais direta, como em *Um Amiguinho Diferente*, por ser uma história evidentemente infantil e cômica, ou indireta, como em *Fala, Maria*, já que aborda o tema com mais seriedade, na forma de relato do pai da personagem principal. Em *A Diferença Invisível*, percebeu-se a preocupação em explicar o posicionamento da personagem Marguerite que, em situações durante a infância e na fase adulta, destoavam do comportamento social típico.

Figura 1 - Marguerite na escola



Fonte: DACHEZ; CAROLINE, (2021, p. 108)

A mesma preocupação foi entendida em *Fala, Maria*, que também fez referência ao comportamento da personagem na escola e sua dificuldade de interagir com as demais crianças, o que evidencia um ponto crítico que talvez seja o primeiro identificado pelos pais, cuidadores ou professores de uma criança com TEA.

Figura 2 – Rotina rígida e ecolalia na fala



Fonte: FERNÁNDEZ, (2020, p. 25)

As figuras 1 e 2 são bastante representativas de um dos traços mais comuns – e talvez o mais facilmente perceptível – dos indivíduos com TEA, os quais apresentam

déficits persistentes na comunicação e na interação social, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos diversos e em múltiplos contextos. (BRAGA, 2018, p. 119)

Logo, viu-se uma preocupação nas HQs de introduzirem os transtornos com uma didática clara e direta que, de forma basilar, mostram ao mais leigo leitor as características desviantes de um indivíduo com TEA, o que sublinha a potencialidade das HQs na abordagem do tema em ambientes escolares, pois permite a visualização dos transtornos de maneira aberta e facilmente compreensível, dada a narrativa visual das ilustrações que, de maneira mais sucinta, aborda questões complexas sem precisar de vários parágrafos para isso.

A HQ de Maurício de Souza aborda o TEA de maneira diretamente informativa e didática, já que o personagem – um menino autista de nome André – surgiu de um projeto do Instituto Maurício de Souza com a Universidade de Harvard com o objetivo de alertar a população sobre os sintomas do autismo (SOUZA, 2020).

Figura 3– Características do indivíduo com TEA



Fonte: SOUZA, (2020, p. 4-5)

A figura 3 evidencia que, não obstante ser uma produção “mais popular”, dado que a Turma da Mônica faz parte da cultura e do imaginário de gerações de brasileiros, a mesma estratégia de conversa direta com o leitor para expor as características comportamentais atípicas do autista é vista, como nas outras duas HQs estudadas, o que transforma cada obra em uma espécie de guia para entendimento das principais peculiaridades daquele que tem TEA.

Ainda, em *A Diferença Invisível*, em vários pontos da HQ percebeu-se uma exposição que beira à elaboração de um manual do universo autista dirigido ao leitor, tanto pela narrativa direta e explicativa quanto pela reprodução de situações comuns a indivíduos com transtornos do espectro autista, tais como a rigidez da rotina cotidiana e a ecolalia (repetição mecânica da fala de outra pessoa a fim de demonstrar seu posicionamento em um diálogo).

Figura 4 – Rotina rígida e ecolalia na fala



Fonte: DACHEZ, (2021, p. 189)

A figura 4 mostra o quão se aproximam de manuais as HQs que abordam o TEA. Também ilustraram, cada uma a sua forma, as reações que a sociedade tem quando se depara com um indivíduo com TEA, abrindo espaço para uma discussão sobre como a desinformação sobre o tema faz necessário uma melhor exposição das características e sintomas do autismo nos mais diversos meios de informação, a toda coletividade, inclusive na educação nas salas de aula.

Sobre este ponto assaz sensível, *Fala, Maria* tenta dar leveza ao tema, mostrando que nem sempre o pai de uma criança autista consegue, em um curto espaço de tempo, explicar seu comportamento adverso aos protocolos sociais tidos como amplamente aceitos, preferindo contornar a situação com uma brincadeira a encarar os questionamentos e desentendimentos de seus próximos.

Figura 5– Dificuldades em se fazer entender perante a sociedade



Fonte: FERNÁNDEZ, (2020, p. 132)

A figura 4 mostra que o comportamento visto como antissocial de uma estrela de rock seria facilmente admissível, mas a dificuldade de interação social de uma pessoa com TEA causa estranheza.

A *Diferença Invisível* também traça críticas ao comportamento das pessoas ditas típicas – o que, no limite do termo, é apenas mais uma classificação – perante as peculiaridades do comportamento autista, mostrando falas de completo desconhecimento que beiram a ofensa, o que ressalta que a desinformação pode levar ao preconceito.

Sobre o tema, Nunes (2015) afirma que “educar a sociedade faz parte da luta pela inclusão, e que por vezes as perguntas de estranhos traduzem mais desconhecimento que preconceito [...] sendo injusto que caiba às pessoas com deficiência o ônus adicional de educar o preconceito alheio” (NUNES, 2015, p. 35).

Figura 6– Desconhecimento e preconceito



Fonte: DACHEZ, 2021, p. 160

A figura 6 ilustra como o desconhecimento sobre as características o TEA podem levar a indagações que beiram o preconceito, enraizadas em conceitos distorcidos e senso comum. Com isso, percebe-se o potencial que as HQs têm em levantar inúmeras questões que podem ser estudadas e discutidas em sala de aula ou em grupos de formação de professores, para que o indivíduo com TEA tenha visibilidade, aceitação e inclusão social.

Da pesquisa realizada, notou-se o grande potencial didático das histórias em quadrinhos na abordagem dos transtornos do espectro autista, suas peculiaridades e dificuldades dentro do mundo das pessoas ditas típicas. As abordagens são diretas, básicas e conversam com o leitor, expondo o tema; disso não prossegue que as narrativas sejam bobas ou que possam ser tomadas como mero entretenimento – elas representam um avanço à popularização da temática que, mesmo que seja pequeno, não deixa de ser importante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para uma sociedade inclusiva, justa e participativa, faz-se necessário a percepção de toda diversidade de pensamento e comportamento da raça humana, bem como de todas as variações de sua forma. Assim, entende-se que comportamentos, pensamentos, posturas desviantes ou divergentes devem ser respeitados e entendidos como partes integrantes das inúmeras nuances comportamentais da raça humana e a educação inclusiva é a única chave para que se tenha uma sociedade justa.

O entendimento das diferenças – em caso particular, como discute este texto, o TEA – deve ser assunto das salas de aula e a abordagem de temas complexos podem ser feitos com o auxílio de mídias que expõem os assuntos de forma visual e textual, como as histórias em quadrinhos, a fim de captar o interesse do leitor e dos professores em formação e transmitir, de forma mais eficaz, a mensagem pretendida.

Com o estudo, notou-se que as HQs cumprem um papel social dentro de sua proposta, já que democratizam assuntos dos mais complexos em uma linguagem de fácil aceitação, compreensão e com grande penetração no mercado. A abordagem dos transtornos do espectro autista nas HQs vai ao encontro da integração das pessoas com TEA na sociedade, pois quebram paradigmas e preconceitos pré-fixados no coletivo, mostrando que as diferenças não tornam os indivíduos conflitantes, mas, sim, que pertencem à raça humana.

Com este estudo, percebeu-se, como resposta à questão inicial da pesquisa, que a utilização das HQs como apropriação pedagógica para clarificar pontos sensíveis sobre o Transtorno do Espectro Autista em discussões em grupos de formação de professores é eficaz e válida. Este estudo mostra ao menos dois pontos que elas tematizam fortemente e que são de fácil percepção pelo leitor: alguns comportamentos das pessoas com TEA e os preconceitos que sofrem em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Lúcia Maria de. **História em quadrinhos**: linguagem, memória e ensino. Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- BORTONI-RICARDO, Stella. Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRAGA, Wilson Candido. **Autismo**: azul e de todas as cores: guia básico para pais e profissionais. São Paulo, Paulinas, 2018.
- DACHEZ, Julie; CAROLINE, Mademoiselle. **A diferença invisível**. São Paulo: Nemo, 2021.
- DATA & Statistics on Autism Spectrum Disorder, Centers for Disease Control and Prevention, Estados Unidos da América, 25 de setembro de 2020, Seção Autism Spectrum Disorder (ASD). Disponível em: <https://www.cdc.gov/ncbddd/autism/data.html>. Acesso em 10 de setembro de 2021.
- FERNÁNDEZ, Bernardo. **Fala, Maria**. São José: Skript, 2020.
- GAIATO, Mayra. **S.O.S. Autismo**: guia completo para entender o transtorno do espectro autista. São Paulo: nVersos, 2018.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censos 2010**. Censo demográfico. Rio de Janeiro, RJ, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html>. Acesso em 10 de setembro de 2021.
- NUNES, Ana Beatriz Nogueira de Barros. **Cartas de Beirute**: reflexões de uma mãe e feminista sobre autismo. Curitiba, Editora CVR: 2015.
- PATATI, Carlos; BRAGA, Flávio. **Almanaque dos quadrinhos**: 100 anos de uma mídia popular. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- PEREIRA, Adriana Soares et AL. **Metodologia da pesquisa científica**. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/02/Metodologia-da-Pesquisa-Cientifica_final.pdf. Acesso em: 10 set. 2021
- QUE é Autismo, O, **Autismo e Realidade**. São Paulo, SP, s.d. Disponível em <https://autismoerealidade.org.br/o-que-e-o-autismo/>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.
- SALAPATA, André; PERES, LOURO Gisele. **A potencialidade do uso de histórias em quadrinhos (HQs) como linguagem no processo ensino e aprendizagem**. FURG. Disponível em: <https://edeq.furg.br/images/arquivos/trabalhoscompletos/s17/ficha-298.pdf>. Acesso em 16 de setembro de 2021.

SOUZA, Maurício. **Um amiguinho diferente**. Disponível em: <http://www.institutomauriciodesousa.org.br/fazendo-a-diferenca/publicacoes/um-amiguinho-diferente/>. Acesso em 11 de setembro de 2021.

STRELHOW, Thyeles. **Autismo e cotidiano**: um olhar para as experiências familiares. Juindiaí: Paco Editorial, 2016.